

GRUPO DE TRABALHO: DIRETRIZES PARA O ENSINO, A PESQUISA E A AÇÃO DA PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE

DO SABER SUPOSTO AO SABER EXPOSTO: a experiência analítica, ensino, pesquisa e transmissão em psicanálise

Tania Coelho dos Santos

Docutorado em Psicologia Clínica PUC/RJ

Pós-Doc no Département de Psychanalyse de Paris 8

Professora Associada: Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ

Pesquisadora Bolsista de Produtividade Científica do CNPq/Nível 1C

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise

Membro da Associação Mundial de Psicanálise

Apresento um resumo do artigo de mesmo nome publicado em Bevidas, W. (org) Psicanálise, pesquisa e Universidade, Contracapa Ed, RJ., 2002 ([www.nucleosephora.com/produção científica](http://www.nucleosephora.com/produção_científica)) Tenho intenção de revê-lo e ampliá-lo para propor algumas diretrizes para o ensino da psicanálise na graduação e na pós-graduação, além de orientações para a supervisão de estágio nas Divisões de Psicologia Aplicada. Toda a questão da inserção da psicanálise na universidade resume-se para mim na seguinte tese de Lacan em A ciência e a verdade: trata-se de reinserir na consideração científica o Nome do Pai. Atualizando-a, segundo a orientação lacaniana de JAM, eu diria, reinserir na consideração científica o arbitrário das origens, o real sem lei, o vazio como causa de todo saber.

Ensinar na graduação é diferente de formar pesquisadores na pós-graduação:

Existe uma tendência à dissociar a experiência de análise da produção em pesquisa. Ela nasce da dicotomia entre duas posições do sujeito diante do saber (suposto e exposto) ou entre ensino e transmissão da psicanálise. Argumento que essa dicotomia surgiu no tempo em que o ensino da psicanálise somente se dava no nível de graduação. Acredito que ela tem relação com a posição do professor que precisa introduzir, fora da transferência analítica, os significantes primordiais da psicanálise, e que desperta a transferência com o saber da psicanálise fora da experiência analítica.

Um candidato á pós-graduação deseja aprofundar e explicitar algumas experiências clínicas, leituras e interrogações relacionadas com seu sintoma e sua análise. A transferência com a psicanálise já está estabelecida e orienta a escolha do orientador. Cabe ao orientador transmitir sua experiência particular de pesquisa, alguns dos significantes que lhe permitiram estruturá-la e algo do seu estilo de investigação que resultou: dos efeitos subjetivos de seu percurso analítico, dos orientadores que dirigiram suas leituras e dos supervisores que controlaram sua atuação na clínica.

Logo, o que é um doutor e como reconhecê-lo? O advento de um pesquisador, capaz de elevar os significantes sintomáticos de sua interrogação à dignidade de uma contribuição nova que faça avançar os impasses de um campo de pesquisa, não é um evento de valor universal. Logo, a defesa de uma tese acolhe uma certa passagem do saber suposto ao saber exposto. Um pesquisador somente se reconhece como tal, a partir de uma conversa muito particular com a banca diante da qual defende sua tese. Se ele avança alguma coisa nova, isso somente te pode ser reconhecido perante uma comunidade particular à qual ele e seu orientador

pertencem. A formação de um pesquisador se aproxima da inserção desse evento novo, uma tese de doutorado, numa genealogia, numa linha de pesquisa, numa tradição, numa comunidade de interrogação, algo da ordem das linhagens e filiações.

Qual é o saber que se produz na experiência de análise?

Para Lacan toda análise é didática porque deve produzir uma retificação subjetiva, a produção de um analista. Um analista não detém um saber sobre o inconsciente porque um analista não supõe saber ao inconsciente. O fim de uma análise implica a destituição do sujeito do campo do saber para reintegrá-lo no lugar do objeto como causa. O que dessa experiência pode ser transmitido a outros candidatos à análise? Uma instituição psicanalítica deve produzir um dispositivo que permita designar alguém como analista. Na Escola de Lacan, o dispositivo do passe foi inventado para verificar os efeitos de uma análise e suscitar a produção de um saber que o transmita. Desse modo ele define uma passagem entre o saber suposto (experiência analítica) e o saber exposto (a construção de um testemunho de passe).

Argumento que a defesa de uma tese tem uma afinidade de estrutura com o dispositivo de passe. O dispositivo que permite aproximá-las é um outro modo de passar do saber suposto ao exposto. Cito, Miller em *Conciliabule d'Angers* (1997, pag. 60) *A apresentação de doentes, não é certamente um passe, mas é a introdução do Outro numa esfera que desejaríamos que fosse protegida, reservada.* Como reconhece Miller, Lacan não cessou de inventar dispositivos universitários para reduzir os excessos da proliferação do saber suposto na instituição analítica.

A presença da psicanálise na Universidade se distingue de toda e qualquer outra modalidade de ensino, pesquisa e ação porque reconhece, escava, aprofunda e colhe os efeitos dessa fenda interior ao campo de todo saber.

A FORMAÇÃO DAS NOVAS GERAÇÕES DE ANALISTAS E A RELAÇÃO COM AS ESCOLAS, INSTITUTOS E A UNIVERSIDADE

Sérgio Laia

Doutor em Letras UFMG e Mestre em Filosofia UFMG

Professor Titular IV da Universidade FUMEC (Fundação Mineira de Educação e Cultura Psicanalista, Membro da Escola Brasileira de Psicanálise

Membro da Associação Mundial de Psicanálise

Diretor de Ensino do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais (IPSM-MG)

Em Belo Horizonte, o Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais (IPSM-MG) existe desde 1998, ou seja, foi criado cerca de três anos depois da fundação da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP). Cada vez mais, ele tem se efetivado como uma parceria importante para essa Escola, através dos laços mantidos com a Seção Minas Gerais (EBP-MG) e de seu trabalho para a inserção e inovação da psicanálise na *polis* contemporânea.

Lembro-me que, à época de sua criação, discutíamos o esvaziamento que o Instituto poderia efetivar no que concerne às atividades da EBP-MG, particularmente porque Núcleos de Pesquisa que até então vinham acontecendo no espaço dessa Seção foram transferidos, não sem reformulações, para o âmbito do IPSM-MG. Ao

mesmo tempo, logo esse Instituto passaria a contar com um "Curso de Formação em Psicanálise", tornando-se bem mais atrativo para a nova geração de analistas, além de despertar ainda mais o entusiasmo dos próprios psicanalistas que, como Membros e Aderentes da EBP, trabalhavam em Belo Horizonte.

De fato, no dia-a-dia das atividades da EBP-MG e do IPSM-MG, podemos constatar que há uma circulação maior de pessoas e de projetos no âmbito do Instituto. Entretanto, o que descobrimos ser uma presença mais discreta da Escola não acarreta uma evasão transferencial: essa sutileza tão própria da Escola não destitui sua força no que concerne à orientação do que se processa no Instituto, mesmo se consideramos a função deste último ser, conforme a consagrada expressão de Jacques-Alain Miller, "agulhão da Escola". Quanto à quantidade, lembraria que, se é numericamente maior o número de atividades e pessoas que circulam no IPSM-MG, a EBP-MG, em suas Jornadas anuais, vem conseguindo ter mais de quinhentos inscritos como seu público e, quando Belo Horizonte sedia os Encontros Brasileiros do Campo Freudiano, o número de inscritos já chegou, há dois anos atrás, perto de oitocentos. Quanto à função orientadora da Escola no que concerne ao Instituto, citaria, por exemplo, que toda a discussão que a Associação Mundial de Psicanálise (AMP) tem empreendido desde 2000 sobre a formação do analista fez com que localizássemos claramente em Belo Horizonte a formação no âmbito da Escola, passando a apresentar o IPSM-MG como um local que privilegia a investigação sobre a psicanálise aplicada à terapêutica.

Sobre a nova geração de analistas, podemos constatar sua transferência à orientação lacaniana a partir da parceria Escola-Instituto. Do ponto de vista numérico, pelo grande interesse despertado quanto às atividades da Escola e do Instituto, inclusive com relação aos cartéis que, como atividade proposta e sustentada pela Escola, tem sido muito mais procurada por jovens analistas do que por Membros da EBP. Do ponto de vista da perseverança porque, além de ser muito baixo o número de desistência das atividades promovidas pelo Instituto, temos recebido cada vez mais no âmbito da EBP-MG, particularmente nos últimos dois anos, de jovens analistas egressos de atividades do IPSM-MG, solicitações de inscrição efetiva na comunidade de trabalho que essa Seção da Escola corporifica. Essas solicitações, inclusive pelo fato de acontecerem mais claramente seis anos depois da criação do IPSM-MG (ou seja, com um tempo já considerável para localizarmos o início de uma "nova geração"), demonstram-nos que:

- 1) associada à presença de um Instituto forte e vivo, configurando-se como um instrumento determinante para a ação lacaniana na *polis* contemporânea, a "forma Escola" pode continuar interessando às jovens gerações;
- 2) é decisivo que a AMP possa encontrar, o quanto antes, uma solução para a suspensão da entrada de novos Aderentes na EBP porque é a partir de uma inscrição institucionalmente mais consistente que jovens analistas almejam perseverar, na Escola, sua formação. Em outros termos, ainda que sua transferência à Escola os façam acolher a solução provisória da "categoria" denominada "correspondentes", essa solução parece-nos muito frágil em termos de uma efetiva inscrição institucional e mesmo da garantia que uma Escola deve sustentar.

No que diz respeito à relação entre as Escolas, os Institutos e a Universidade, a experiência de Minas Gerais se beneficia do fato de que vários Membros e Aderentes da EBP em Belo Horizonte são professores universitários e/ou trabalham em serviços de saúde e em programas de ação social que, pelas frentes de trabalho remunerado e de estágio que abrem, têm sido um campo cada vez mais atraente para os jovens que se iniciam em uma prática clínica. Também é significativo o número de Membros e Aderentes da EBP em Belo Horizonte que, sendo ou não professores universitários, têm títulos acadêmicos (Mestre e Doutor) considerados

indispensáveis pelos mecanismos atuais de avaliação dos serviços e do ensino acadêmico *psi-* no Brasil. Mesmo considerando a presença desses aspectos referentes à titulação acadêmica e à inserção universitária, é importante salientar que as demandas endereçadas, por exemplo, aos Núcleos de Pesquisa e ao Curso de Psicanálise do IPSM-MG, bem como aquelas que visam uma inserção efetiva nos quadros da EBP-MG têm como referência transferencial o trabalho que essas instituições desenvolvem no Estado de Minas Gerais: os jovens analistas, ou mesmo aqueles que começam a se interessar pela psicanálise ou outros com um percurso de formação mais extenso, buscam o IPSM-MG e a EBP-MG porque se dão conta do quanto a orientação lacaniana sustentada nesses lugares e, a partir daí, também em outros espaços da *polis* responde com rigor e eficácia às formas com que o mal-estar da cultura se apresenta à prática *psi-* e à ação social. Neste contexto, evidenciar publicamente que a psicanálise funciona (e não apenas na intimidade dos consultórios particulares), ou seja, sua utilidade inclusive pública, é um modo bastante decisivo para garantir a formação de novas gerações de analistas e para o futuro da própria psicanálise.

Para abordar a formação das novas gerações de analistas e as relações entre as Escolas, os Institutos e a Universidade, pode ser também instrutivo referir brevemente à experiência do IPSM-MG com o Curso de Psicanálise. No início, esse Curso de dois anos de duração se apresentava associado, no seu próprio nome, ao significativo "formação", uma vez que, em Belo Horizonte, outras instituições psicanalíticas lacanianas ou de inspiração ipeísta se notabilizavam por oferecerem "cursos de formação analítica". Com relação à Universidade, o Curso de Psicanálise do IPSM-MG, por ser de 360 horas e se endereçar àqueles que já dispõem de um diploma universitário, tem uma equivalência com os chamados "cursos de pós-graduação *lato sensu*", ou seja, com cursos que a cultura anglo-saxônica consagrou com a sigla MBA. Entretanto, numa avaliação acadêmico-universitária, o certificado de conclusão fornecido pelo IPSM-MG não tem valor, na medida em que o Instituto não é uma instituição de ensino creditada pelo Ministério da Educação (MEC). Pensávamos que essa ausência do selo MEC poderia ser um problema. Contudo, ao longo desses anos, verificamos que a procura pelas 30 vagas anualmente oferecidas é sempre bem maior do que a demanda concernente aos cursos veiculados pelas instituições universitárias e por outras instituições de psicanálise. Nesse sentido, podemos dizer que o Curso de Psicanálise do IPSM-MG tem uma excelente aceitação no chamado "mercado de cursos de pós-graduação *lato sensu*", mesmo não sendo exatamente um curso desse gênero.

Mas a Universidade não se ocupa apenas da pós-graduação *lato sensu*. Sua força e mesmo muitas de suas principais funções se articulam aos Programas de Pós-graduação *stricto sensu*, promotores de Cursos no nível de Mestrado e Doutorado. Sobretudo nos últimos cinco anos, com o crescimento das exigências de avaliação das Faculdades e das Universidades públicas e privadas no Brasil, tem sido cada vez maior o interesse por títulos de Mestre e de Doutor, inclusive da parte daqueles que se inserem na nova geração de analistas. Além de uma garantia maior de permanência no emprego ou mesmo de uma promessa de inserção profissional futura no mundo acadêmico, os cursos de Mestrado e Doutorado têm tido uma demanda enorme, particularmente aqueles que, por serem bem avaliados pelo MEC, podem oferecer "bolsas de estudo" para seus alunos. Com os recursos financeiros proporcionados por essas bolsas, a nova geração de analistas procura garantir não apenas sua sobrevivência, como também a sustentação de sua formação (principalmente análise e supervisão). Por essa utilidade financeira, mas também independente dela, os Cursos de Mestrado e Doutorado são ainda vislumbrados pela

nova geração de analistas como um modo de se obter um *corpus* conceitual mais sistematizado da psicanálise.

Como professor orientador de pesquisas na Universidade FUMEC e, em todo o Brasil, como membro de Bancas Examinadoras de Dissertação e de Teses que conferem, respectivamente, títulos de Mestre e de Doutor, tenho podido constatar o quanto é inegável o efeito benéfico que a Universidade tem, em muitos casos da nova geração ou mesmo de outras gerações de analistas, sobre o exercício da "disciplina do comentário". Em outros termos, a passagem pela Universidade permite, muitas vezes de um modo mais intenso do que a passagem pelos Institutos ou a participação na Escola, um sensível aprimoramento da disciplina do comentário e da clareza na produção textual. Entretanto, no que diz respeito às pesquisas, Dissertações e Teses que se pautam por referenciais psicanalíticos, é importante sublinhar que, em minha experiência, esse aprimoramento proporcionado pelas instituições universitárias é ainda mais efetivo quando a orientação de um tal trabalho textual é realizada por professores universitários que também são Membros ou Aderentes da Escola e/ou quando os orientandos que produzem esses textos mantêm vínculos transferenciais com a Escola e/ou com os Institutos brasileiros. Logo, Escola e Instituto não deixam de ter uma participação importante naquilo que, na forma de *papers*, Dissertações e/ou Teses, se obtém no âmbito das instituições universitárias e, novamente aqui, a inserção da ação lacaniana na *polis* contemporânea demonstra-se como cada vez mais decisiva.

Atualmente, parece-me ainda fundamental, para a garantia da formação relativa às novas gerações de analistas, que as instituições de orientação lacaniana (Institutos do Campo Freudiano e Escolas da Associação Mundial de Psicanálise) aprimorem ou criem, elas próprias, lugares em que a psicanálise possa ser praticada e reinventada sem ter uma relação direta com o Estado e com outras instituições *psi*-não-analíticas. Pode parecer contraditória essa perspectiva frente a toda minha argumentação em prol da inserção dos psicanalistas, para além de seus consultórios particulares, na *polis* contemporânea.

Essa contradição se dissolve frente à evocação da importância que uma efetiva e permanente orientação psicanalítica tem para a formação do analista. Ora, quando os analistas atendem, por exemplo, nos serviços de saúde mental, quando eles estendem sua ação para programas de cunho social, a psicanálise – por melhor que seja acolhida nesses lugares, por mais que possa inclusive ser o que orienta direta ou indiretamente essas práticas – não poderá ser aplicada sem algum tipo de "concessão", de "arranjo político", de "estratégia diplomática". Entretanto, há momentos cruciais de uma formação analítica em que não se pode fazer qualquer concessão, arranjo ou estratégia, momentos em que a decisão se impõe puramente da psicanálise e para a psicanálise, momentos em que um analista é convocado a experimentar a responsabilidade de ser um analista e mesmo a liberdade inquietante do desejo do analista.

Nos consultórios particulares, seja como analisandos ou analistas, seja como supervisandos ou supervisores, temos experiências decisivas desses momentos. Mas, no que concerne particularmente às novas gerações, sabemos das grandes dificuldades para se firmarem, desde o início, como analistas em seus próprios consultórios: os serviços de saúde e de ação social, quando oferecem-lhes vagas, tem lhes sido uma saída, não sem o sacrifício de momentos cruciais à formação analítica. O aprimoramento e a criação de instituições de atendimento psicanalítico, orientadas por psicanalistas das Escolas da AMP e destinadas a acolher também entre seus praticantes aqueles que se destacam nas atividades dos Institutos do Campo Freudiano poderão se apresentar, portanto, como uma saída bem mais efetiva – e ainda, se for o caso, suplementar! – para a formação das novas gerações de

analistas, além de se configurarem, pela inovação prático-conceitual que exigem, como um desafio decisivo para o futuro da psicanálise e ainda para os analistas cujo infinito da formação já se prolonga por um tempo que, sem lhes permitir situar-se entre aqueles das novas gerações, ainda os coloca como responsáveis pelas gerações que iniciam seus percursos no infinito próprio à formação analítica de orientação lacaniana.

Antônio Márcio Teixeira
Mestre em Filosofia Contemporânea
Doctorat du Champ Freudien
Professor Adjunto do Mestrado em Psicologia e Filosofia da UFMG
Membro da Escola Brasileira de Psicanálise
Membro da Associação Mundial de Psicanálise

Se existe um aspecto, no que concerne ao problema da transmissão da psicanálise na universidade, que de tão óbvio passava despercebido, esse aspecto diz respeito à distinção, sublinhada por J.-A. Miller, do uso operatório da suposição de saber, na prática psicanalítica, confrontado às exigências de exposição do saber no meio universitário. A suposição de saber, da qual depende o vínculo transferencial, é, como se sabe, a suposição de amor que traz à luz a realidade psíquica em que se determina o sintoma na experiência psicanalítica. Para explicitar essa dimensão, é possível demonstrar que a realidade, vista a partir **da** perspectiva freudiana é antes de tudo uma realidade desiderativa, ou seja, uma realidade constituída pela tentativa de se reencontrar, no mundo exterior, a reminiscência do objeto mítico de uma satisfação original para sempre perdida. De maneira que se o analista se presta à suposição do amor ao se colocar no lugar de objeto causa do desejo, em sua prática clínica, é no intuito de expor para o sujeito, mediante a promessa impossível que ele sustenta, as coordenadas objetivas dessa renúncia a partir da qual se constitui a realidade psíquica.

Para se examinar, por outro lado, o modo pelo qual se articulam a suposição de saber, operatória na experiência psicanalítica, à exposição de saber requerida na transmissão de seu ensino, devemos lançar mão de um procedimento que consiste, para utilizar a expressão de Paul Ricoeur, em adotar uma filosofia da suspeita. Devemos desconfiar do que parece ser um dado natural, como nos faz crer o discurso ideológico, para investigar detidamente os tipos de agenciamentos discursivos que tornam operantes os diversos saberes expostos no momento atual. Pois a psicanálise, como todos sabem, coloca questões de extrema atualidade na universidade. Primeiramente porque, embora ela seja vista com um certo cepticismo em vários setores do meio acadêmico, é incontestável o interesse que ela desperta nos estudantes universitários, como se constata no número crescente de pessoas que procuram as linhas de pesquisa em estudos psicanalíticos. Em segundo lugar, porque embora a psicanálise resista, por sua própria natureza, a se encaixar nos compartimentos de saber que lhe destina a universidade, ela ilumina singularmente os mais diversos setores da pesquisa universitária. Por esse motivo, ainda que não faça sentido compartimentar o pensamento freudiano em cadeiras universitárias do tipo: psicanálise aplicada à educação, psicanálise aplicada ao pensamento filosófico, psicanálise aplicada à síndrome do pânico, à literatura, etc., os fatos nos mostram a influencia marcante que o pensamento freudiano exerce irresistivelmente nas mais diversas áreas do saber.

Mas se a técnica freudiana opera essencialmente a partir da suposição do saber, a despeito do mal humor que lhe destinam os adeptos do saber exposto, o valor que a psicanálise atribui essa suposição não se restringe ao uso que dela se faz na prática

clínica. A psicanálise igualmente desconfia, instruída pela própria experiência, que todo saber, por ser um tipo de agenciamento discursivo, encontra-se de veladamente apoiado sobre algum modo de suposição. Como demonstra T. S. Kuhn, em "A função do dogma na investigação científica", o próprio discurso da ciência, que tanto se vangloria de sua transparência epistêmica, também depende da imposição que o paradigma lhe reserva como lugar do saber suposto. A diferença estaria no fato de que a psicanálise, em vez de escamotear essa suposição inevitável, prefere torná-la explícita em sua operação. Podemos concluir então que o que singulariza a transmissão universitária da psicanálise deriva de seu esforço de expor a suposição. Há que se desenvolver, portanto, a necessidade lógica da suposição que a psicanálise aciona na experiência, sem recuar diante do compromisso que ela estabelece com a exigência do saber exposto herdada do discurso científico. No que ela nos convida a indagar se não é justamente por tornar explícita a suposição de que os demais discursos se valem, implicitamente, que a psicanálise gera tamanho incômodo no campo dos saberes supostamente expostos.

A orientação lacaniana na Universidade:
sobre o primado da prática clínica na psicanálise

Jésus Santiago

Doctorat du Champ Freudien

Pós-doc em Teoria Psicanalítica

Professor Adjunto do Mestrado em Psicologia e Filosofia da UFMG

Psicanalista, AME da Escola Brasileira de Psicanálise

Membro da Associação Mundial de Psicanálise

O meu interesse de pesquisa no Grupo de Trabalho é me perguntar sobre os efeitos na prática clínica da psicanálise do momento em que Lacan põe em questão essa função dominante do Nome-do-Pai como um significante capaz de produzir um *efeito de sentido real*, um efeito de sentido no real do gozo. Parece-me convincente admitir que é a própria natureza e a finalidade da prática analítica que mudam com uma tal reviravolta conceitual. O que é a prática da psicanálise quando se suspende essa referência clínica dominante ao Nome-do-Pai, quando o *efeito de sentido real* que resulta da sua ação, torna-se problemático e enigmático? Qualificar esse efeito de sentido como enigmático é assumir que o Nome-do-Pai é, de alguma maneira, ineficaz e que não dá todas as respostas esperadas. Ou seja, sem o Nome-do-Pai, prevalece o caos do simbólico, o caos do fora-da-lei. Não há mais as leis da linguagem, só há *alíngua* e, portanto, não há corpo, há carne, imagem e acontecimentos de corpo. Sem o Nome-do-Pai, há os três registros homogeneizados, sem uma hierarquia pré-estabelecida. Cabe formular a questão clínica: como, então, eles podem se manter juntos ?

É diante desta pergunta que se pode definir a orientação lacaniana como a introdução do primado da prática para aqueles que tomam o ensino de Lacan como um marco fundamental de sua relação com a causa analítica. É o que empreende o psicanalista, Jacques-Alain Miller, ao longo de seus seminários e cursos de investigação, cujo itinerário perfazem o que ele próprio denomina como uma *Orientação Lacaniana*. Suponho que, para ele, não basta apenas mostrar de que modo passou-se da prevalência da unicidade do Nome-do-Pai como fator estruturante para o gozo do corpo, para a sua pluralização e a conseqüente formulação de sua insuficiência quanto à obtenção dos *efeitos de sentido real*. Para além da passagem de uma problemática da *dominação* do simbólico para aquela do *enlaçamento* dos três registros, é preciso retirar as conseqüências clínicas desse princípio do ensino de Lacan e, antes de tudo, dar-se conta

de que, uma tal orientação para o tratamento analítico apenas se instituiu, por exigência e por força da própria prática analítica.

Fernanda de Barros Otoni

Psicóloga Judicial

Mestre em psicologia social e Doutoranda em Sociologia e Política na UFMG

Professora do Curso de Especialização em psicanálise

Minha resposta conduziu-se a partir da inversão de sua pergunta, ou seja, havia me dedicado dias, acompanhada por uma inquietação de produzir uma resposta à seguinte questão: Qual o lugar do psicanalista na Universidade de Psicologia? Deixo à nota do fim a resposta que pude elaborar primeiro, agora um pouco mais avisada da relação entre as duas questões. Sem dúvida se trata de outra questão, ainda que interligada a esta, mas deixarei mais pra adiante. ¹

Voltei então à questão, tal como propôs: "*Qual deve ser o papel da universidade na formação do psicanalista? O que é feito e o que deve mudar?*". Não foi também sem dificuldades que me lancei na tarefa de construir um parágrafo, mas agora uma outra dificuldade, pois antes de escrever qualquer coisa me inquietava e atormentava a antiga discussão, ou seja, aquela de que a formação do analista se faz na Instituição Psicanalítica e não na Universidade, pelas dificuldades de fazer circular na Universidade o discurso analítico e o rigor de sua experiência.

Conclui depois de atravessar estas duas dificuldades, que a construção da minha resposta deveria necessariamente compreender o lugar da Universidade na formação do analista, como um dentro e fora, um lugar topológico que afeta e se deixa afetar pelas veredas que colocam em movimento a conexão do singular ao universal e seu avesso.

Portanto, não poderia desconsiderar a minha própria experiência, como em minha formação analítica pude me servir da Universidade e as incidências do encontro com um analista neste campus. Destacando também o fato inequívoco: a dedicação de Lacan, Miller e dos inúmeros analistas de nossa comunidade, inclusive você, eu e os demais convidados para esta discussão, que dedicamos parte importante de nosso cotidiano à tarefa da transmissão da psicanálise na Universidade. São estas as fontes de onde extraio os elementos para começar uma conversa, uma vez que é pelo inesperado da sua pergunta que me lancei entusiasmada à produzir esta reflexão.

Sabemos das conseqüências da conexão da psicanálise e universidade, quando esta parceria produz uma aliança entre a teoria e a clínica, demonstrando que o ensino teórico é fundamentalmente tecido a partir do saber singular que a experiência analítica transmite, caso a caso. Professores e pesquisadores psicanalistas se esforçam em sua transmissão de realizar a migração do saber singular que cada caso revela para uma formalização teórica que possa ser reconhecida por seu rigor científico.

Na Universidade somos chamados a produção científica e da nossa prática com a psicanálise, o que podemos extrair da precisão da experiência analítica, é que esta

clínica funciona unicamente no caso a caso. A pesquisa e transmissão da psicanálise da Universidade são atravessadas todo o tempo pela tensão que nos instiga ao esforço de demonstrar a possibilidade de que um caso se converta em paradigma, já que ao seguir a orientação lacaniana, devemos transmitir a clínica através de seus "matemas", ou seja uma redução da experiência a uma formulação suficiente para alojar um saber do sujeito por sua posição relativa ao gozo. A pesquisa psicanalítica não se interessa pela descrição do sintoma, como modelos típicos universalizantes, como são exigidos pelos manuais da psicopatologia clássica e mesmo os atuais. Ao avesso, a formalização do ensino da experiência clínica busca "matemizar" as soluções subjetivas que alojam a satisfação do sujeito para com seu sintoma quando consentem em transmitir à um discurso o destino singular do gozo.

Este esforço de formalização, quando realizado, traz efeitos na formação do analista. E aqui me interessa sobretudo investigar o quanto que, no terreno da formação do psicanalista e do pesquisador de orientação lacaniana, este esforço exige de nós a sensibilidade para a urgência de formalizar a experiência da psicanálise aplicada.

A transmissão da pesquisa com psicanálise aplicada nos inspira a estreitar a distância entre a teoria e a clínica psicanalíticas. Os antigos mestres não têm podido responder, com suas fórmulas universais, à pluralidade de sintomas inéditos e desiguais que se apresentam no tecido social. E as novas teses nascem velhas, diante do enxame de significantes mestres que se ofertam no mercado da precariedade. Nos dias que correm, recolhemos da experiência da psicanálise aplicada, a fragilidade da clínica freudiana clássica a responder pelo tratamento dos novos sintomas que florescem nas cidades. O significante nome do pai e o significante fálico que respondem pela amarração do desejo e gozo atravessam uma dura prova nos dias atuais. Outras soluções se apresentam na cena do mundo, mostrando seus efeitos junto às psicoses ordinárias, aos atos violentos, nas novas configurações familiares, nas bulimias, anorexias, toxicomanias dentre outros modos de vida, indicando uma radical transformação da subjetividade na contemporaneidade. E o sujeito, nestes casos, não raro, nada deseja saber sobre sua solução, "não está nem aí", numa franca demissão do Outro. Neste tempo onde o Outro parece não existir, enquanto uma referência orientadora do laço social, o objeto 'a' ganha os céus e vivemos numa época onde o objeto mais gozar triunfa no norte da bússola. Mais um sinal da precariedade de uma psicanálise orientada pelo nome do pai, pela transferência ao sujeito suposto saber...

No campo da Universidade encontramos as teorias, mas aquelas que se apresentam desconectadas do mundo da vida e dos seus novos sintomas, não transmitem os dispositivos que possam operar na direção da cura dos males que sofre o homem contemporâneo. Muitas destas questões podemos recolher no campo da psicanálise aplicada e na Universidade, o encontro com esta experiência, também produz seus efeitos de formação do analista. Podemos recolher diversos relatos de testemunhos do lugar da Universidade quando ao ofertar um espaço de formalização desta experiência, reúne o rigor científico aos acontecimentos precisos desta clínica, causando o desejo da pesquisa psicanalítica: uma pesquisa orientada pelo saber que queda do encontro de um sujeito com o real da experiência, ali onde um analista, pode servir enquanto objeto.

De fato, Tânia, me coloco nesta resposta a sua pergunta, comprometida com um recorte, do lado dos psicanalistas e pesquisadores em psicanálise que encontram-se animados com o convite da Universidade à produção de uma formalização dos

efeitos terapêuticos na psicanálise aplicada. “Matemizar” a experiência é, sem dúvida, um modo de transmissão que orienta o analista em sua formação. Minha reflexão me levou até este ponto: pensar o lugar da Universidade na formação do analista como um convite permanente, aberto e tenso, à necessária formalização sobre o impossível da clínica, produzindo dispositivos possíveis para intervir nas contingências que fazem de cada caso, um caso único. Esta formalização oferta recursos para lidar com esta clínica contemporânea, que precisa se orientar pelo sintoma como resposta singular do sujeito ao real. Se o sujeito tem um tipo, este é do tipo que responde com seu sintoma. A responsabilidade da Universidade com a formação do analista se apresenta e se faz quando os analistas, pesquisadores e professores, não se calam diante do que a sua experiência na cidade o leva saber, uma clínica que se orienta pelo real em oposição a uma ciência que apoiada nas classificações orienta os modos de segregação. Afinal, disse Lacan, “a psicanálise é o pulmão artificial graças ao qual se tenta assumir o que é preciso encontrar de gozo no falar para que a história continue.”ⁱⁱ

O sujeito como resposta ao real, é uma solução topológica. Uma solução que localiza um lugar para o gozo numa amarração singular do real, simbólico e imaginário- um laço social - seu sintoma. Uma solução paradoxal. Na prática clínica, colhemos uma variedade de efeitos surpreendentes e inéditos que nos permitem localizar a evidência da satisfação do sujeito com sua solução de laço social. Nos cabe formalizar esta evidência.

Estes são alguns dentre outros aspectos importantes para a formação do analista e que me pareceram encontrar lugar na reunião da investigação e pesquisa sobre a experiência da psicanálise na Universidade de Psicologia.

¹Qual o lugar do psicanalista na Universidade de Psicologia?

Não é evidente essa parceria do psicanalista e a universidade. Digamos que o psicanalista pode bem estar como uma peça solta neste campus. Não é sem tensão que um psicanalista se coloca na Universidade, seu lugar não se encaixa sem desacordos, esforços e incômodos na forma própria definida pelas diretrizes curriculares. Por outro lado, caso houver um bom encontro, sabemos que a psicanálise pode estar em condições de servir, lá onde o discurso universitário e o discurso do mestre, não dão provas de seu funcionamento.

Não é tarefa simples. Do Mestre tão bem alojado no campus do universal, ao avesso, o analista ali tem por causa a tarefa de recolher os restos que sobram das teses mestras, para extrair daí, onde o Outro falha, a dignidade de um saber que se faz único, singular.

Uma boa imagem para a psicanálise na universidade, me parece, seria aquela da qual se serviu Duchamps na composição de suas obras. As agências de notícias divulgaram que o urinol, que Duchamps expôs em 1917, em Nova York, foi eleita a obra mais influente do século XX, mais que outras como a “Guernica” de Picasso. Muita gente se espantou, muita gente achou graça, muita gente não entendeu nada. Com a psicanálise não me parece ser diferente. Um discurso que influenciou o Século XX, e muita gente se espantou, achou graça, não entendeu nada. Freud quando se dedica a falar da “Psicanálise e Universidade”, achava que aquela deveria ficar do lado de fora, numa exterioridade provocadora. Indicava que o discurso analítico é assim como um urinol virado às avessas. Esta é a sua função!

Mas nós analistas, entramos nesse campus que tem por discurso o avesso do discurso analítico, um lugar onde os mestres discursam para produzir num giro, discursos universitários. O que pode fazer a presença de um analista ali? Porque não

seguirmos Freud... Porque Lacan insistiu em se colocar na Universidade? Basta ler Lacan para saber que ali ele fez de sua obra, um discurso ao avesso. Um discurso que ali se colocava para descompletar o todo universalizante, para ofertar àqueles que puderam encontrar com a falha do discurso, um saber fazer com o desejo de saber. Um discurso que se orienta pela causa do desejo e é por esta orientação que por fim produz um saber local, singular... Único, não - todo.

O problema que temos que enfrentar nos dias que correm é que muitos se acham que podem pegar objetos e vira-los do avesso e dar-lhes usos improváveis e isto os faz artistas. Virou moda! Temos do nosso lado que enfrentar a psicanalização da Universidade. Uma psicanálise que se apodera da Universidade ao colocar assento num ensino orientado pelo discurso do mestre.

Deste modo, creio que a pesquisa da psicanálise na universidade pode encontrar sua investigação a partir do não saber, pela via da psicanálise aplicada, pois neste campo, ali onde o discurso do mestre apresenta sua fratura, encontrará a psicanálise um bom lugar para dar tratamento ao seu desfuncionamento. Assim, poderemos nos servir do discurso analítico como dispositivo que pode orientar justamente a partir deste furo que surge na queda das ficções científicas, encontrando aí a causa que anima e coloca em movimento o desejo de saber. Esta é uma pesquisa que tem me interessado na Universidade. A psicanálise aplicada é um campo onde tem sido possível recolher obras inéditas, singulares e plurais, diversos usos para um mesmo objeto, etc. A psicanálise aí tem um trabalho de pesquisa e investigação a fazer e da qual não podemos recuar, pois depois de Lacan, e principalmente com Miller em seu seminário "Pièces Détachées", estamos orientados que a presença do dispositivo analítico nestes lugares de pretensão universal tem seus efeitos, ao dar lugar ao uso particular que cada um pode se servir, por exemplo, de um urinol.

¹ LACAN, J. Déclaration à France-Culture à propos du 28a congrès de psychanalyse, Paris, julho 1973, em Le Coq Héron, 1974, nº45-46, p.5.

Qual deve ser o papel da universidade na formação do psicanalista?
O que é feito e o que deve mudar?

Maria José Gontijo

A universidade, enquanto instância de ensino, tem um papel crucial na formação epistêmica do candidato a psicanalista e no início da prática clínica através dos estágios, nos atendimentos e no exercício de se submeter a uma supervisão.

Tenho visto uma diferença nos efeitos do ensino da psicanálise, no que diz respeito à articulação dos professores, ou não, com as instituições de formação psicanalítica. Quando não se está vinculado a nenhuma instituição, a tendência é ensinar a psicanálise em nome próprio, e isso tem consequências. Os professores/psicanalistas orientados por uma instituição parecem indicar a seus alunos os limites do ensino para a formação do psicanalista, orientando aqueles que se interessam pela psicanálise a se vincularem às instituições psicanalíticas e à análise pessoal para, efetivamente, iniciarem uma formação como psicanalistas.

Portanto, parece-me que é importante transmitir que a universidade não forma psicanalistas, mas que cumpre um papel essencial na apresentação de seu ensino e de sua clínica para os alunos. Acho importante pesquisar os pontos de aproximação e de separação das instituições psicanalíticas e das universidades. A forma de exposição do saber da psicanálise na universidade funciona como um ponto de

atração ou de repulsa à psicanálise. Um dos pontos que me preocupa na relação da psicanálise com a universidade é o limite de seu ensino nos cursos de psicologia. Pode escutar críticas de alunos falando de um excesso de psicanálise nos cursos. No meu entender, fazer desvios nas diversas disciplinas para introduzir conteúdos da psicanálise onde ela não é contemplada na ementa, é nocivo tanto para o curso de psicologia, que tem uma orientação para ser generalista, quanto para a psicanálise, que tem sido banalizada desta forma.

Márcia Maria Vieira Rosa
Doutora em Letras Estudos Literários
Coordenadora da Especialização em psicanálise da UNILESTE
Psicanalista, Membro da Escola brasileira de Psicanálise
Membro da Associação Mundial de Psicanálise

Primeiro ponto: os *atos delinquentes* ou mesmo *sintomaticos* na relação ao saber e a produção. O saber está aí em relação à verdade e ao gozo, como sói acontecer. Em que podemos nos servir dos nossos referenciais teórico-clínicos para ler e tratar esses casos? (Obviamente, essa questão surge dos impasses levantados a partir de três casos que resultaram problemáticos na finalização da nossa Pós-lato senso. Dos 28 trabalhos monográficos, 25 finalizaram relativamente bem, mas os outros 3 deixaram um resto a concluir, a partir do qual o funcionamento pode ser repensado.)

Segundo ponto: Anoto do Seminário XXIII, p.214, o seguinte voto, formulado por Miller: *Ainda chegara o dia em que haverá na Universidade lacanianos como há joycianos, onde *ser laciano* vai querer dizer o que quer dizer *ser joyciano*, ou seja, ser amante do texto (...)*. Não desconhecer, valorizar o que, salvo engano, na Proposição de 67 Lacan denomina *saber textual*, me parece ser uma das contribuições possíveis da Universidade para a formação do psicanalista. A Universidade me parece estar melhor posicionada para exigir - talvez seja melhor dizer, para *zelar* por- esse *amor ao texto* do que a Instituição Psicanalítica. A transferência (ao texto, ao Um, ao Outro, etc.) não deixa de ser determinante aí. Esses são pontos que me interessa formular com um pouco mais de cuidado. Talvez eles se enquadrem em uma formulação sobre o *saber textual* e o *saber referencial*.